

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura; Bellas-Artes e Theatros.



O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

A'S NOSSAS ASSIGNANTES.

Deixarmos de confessar nossa viva e cordial gratidão ás nossas boas e nobres assignantes, em todo o tempo, seria um revoltante crime, perante Deus e a sociedade, que vir nascer o JORNAL DAS SENHORAS sob sua animadora influencia, florescer cultivado por ellas, e por ellas existindo para seus cuidados e vida consagrar sómente a ellas.

Ha quatro annos é o JORNAL DAS SENHORAS protegido por um crescido numero de assignantes que constantemente o tem sustentado com as ayultadas despezas de uma publicação de sua ordem.

Ainda não havia esmorecido, nem uma só, sua tão franca e leal protecção. Nem tão pouco nós esmorecemos, Senhoras. Não esmoreceremos jámais.

Fazemos apenas uma parada, que julgamos necessaria, no proximo anno de 1856; e com o favor de Deus o JORNAL DAS SENHORAS reapparecerá em 1857, para porsequirmos ao honroso fim a que nos propoemos, cultivando com esmero as immarcesciveis flores do caminho tão nobremente encetado pela nossa antiga redactora, a Sra. D. Joanna Paulo de Noronha.

Para esse tempo emprasamos todas as nossas assignantes, vós todas Senhoras que briosamente nos tendes ajudado, para que vossa protecção continue a fortalecer nossa ardua e fadigosa tarefa, e o JORNAL DAS SENHORAS seja então o que tem elle até hoje sido para vós cuidadoso e dedicado — o interprete fiel do que vos é util e agradável.

Que nossas nobres assignantes nos relevein pois esta deliberação que tomamos, e que esperem pelo dia em que lhe revelemos a razão de suspendermos hoje a publicação do JORNAL DAS SENHORAS.

A todas e a cada uma em particular dirigimos nossos agradecimentos e um — adeos — até o anno de 1857.

A REDACÇÃO.

MODAS.

Os figurinos e descrições de modas, que nesta época do anno nos costumão chegar de Paris, são, como bem sabeis, queridas leitoras, todos de inverno; e fallar de modas de inverno, quando estamos na estação calmosa e o sol brilhante sobre nós dardeja seus incandescentes raios, nos parece tão pouco logico, como chorar, quando se está contente. Contudo, se alguma vez pôde isso ter desculpa é actualmente em que a inconstancia da temperatura atmospherica nos tem dado, para assini dizer, mais dias de inverno do que de verão. Entremos pois em materia e comecemos pela cabeça.

Os chapéus fazem-se um pouco mais pequenos, avançam sobre a frente á *Maria Stuart* mas sem formar ponta e encaixillão mais o semblante. As copas conservão-se pequenas, redondas e chatas; por-se-ha grande profusão de ornatos tanto sobre a volta, como por baixo. Preparão-se muito lindas fitas sarapintadas e escossezas, para serem empregadas em guarnecer alguns chapéus de phantasia.

As plumas encrespadas, entremeiadas de lacinhos de froco são encantadoras e terão grande voga. As rendas pretas e os veludos allião-se em quasi todos os ornamentos.

Ha sumptuosos estofos para vestidos de corte, de baile, de *soirée*, de apparatus ou de grande *toilette*: de sahir e segundo consta continuarão a usar-se os estofos de listras largas e de grandes desenhos, o *moire antique*, os tafetás escossezes, vestidos de diferentes enfeites, nobrezas *ponpadour*, e lindas phantasias, cujos desenhos são variáveis ao infinito e que não se podem positivamente descrever.

Algumas damas, que dão o tom, abandonarão as vasquinhas; mas isso não quer dizer que fiquem inteiramente suprimidas, pois que algumas modistas, que são autoridade entre as mais afamadas, põem muitas vezes ainda este genero de ornato da idade media nos bellos vestidos que

em suas casas se arranjão: e na verdade tem razão pois isso a longa o talhe e lhe dá uma desenvoltura, que nunca se obtive com as cinturas curtas; quanto a nós protestamos altamente contra a sua expolsão e achamos que o desejo de mudar não deve ir tão longe até riscar as suas graças.

As mangas fazem-se quer quasi justas até o cotovelo com dous folhos em baixo, quer entufadas e parão abaixo do cotovelo.

As saias continuão a formar cauda e a sua excessiva amplidão não diminue.

Os folhos ficão invariavelmente em moda; quasi todos tem bainhas e por cima destas collocão-se galões imitantes á *fazenda* ou veludos em tiras.

Como ornatos de vestidos empregão-se bastante os franjados em seda, cordãozinho e froco.

As composições são mui variadas, mas o que domina e é essencialmente parisiense são as fazendas aveludadas de duas faces, isto é de uma côr diferente pelo avesso por exemplo pardo por cima e por baixo azul ou côr de *papoila*. Ha tambem mui lindas, de uma só face, em pelucia encrespada.

O luxo da rouparia branca não diminue e usar-se-ha muito de rendas pretas em vestidos de *soirée*, o que será de grande elegancia sem acarretar despezas extraordinarias; porque depois do grão de aperfeiçoamento, a que os fabricantes tem conseguido fazer chegar as rendas de Cambrey, todas as senhoras podem compôr com ellas os mais sumptuosos *toilettes* e as damas ricas não se declignão comprehender no seu guarda-roupa as rendas de Cambrey com as dos mais antigos nomês, depois que ellas reuñem todas as suas qualidades.

A passamaneria será tambem muito empregada em todas as guarnições de vestidos; della se fabricão actualmente ornatos de um gosto delicoso.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE CASA. — Pentecado em cabellos; vestido em nobreza, corpinho com vasquinha muito justo decotado quadrado á Luiz XY com *jockeyes* cruzados e mangas em filó de seda, as mangas compõem-se de dous entufados de filó retidos por dous crespos de fita e terminando com um duplo filó formando como um folho; o corpinho é cortado de maneira a bem fazer valer o talhe, e a vasquinha emboceta perfeitamente os quadris sem os achatar.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo *Rachel*

em tafetá recoberto de mousselina bordada, guarnecido de valenciannas e ornado de botões de rosas. Vestido de nobreza ornado de veludos e de rendas; corpinho afogado mui justo, fechado adiante por botões de seda; suspensorios em veludo; a manga larga em baixo é quasi justo no hombro por baixo da renda e no meio é entufada e cortada ao longo por tres veludos; a saia é ornada de dous veludos retendo cada um uma alta renda ligeiramente pregada e por consequente tomando bem as pregas da saia que é mui ampla.



LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu 92.



Modistes de M^{mes} Alphonsine, Ernestine, Viollette, M^{me} Ghisny, Célestine
 Ladraque, Steurs de la, M^{me} S. Perrot Petit, C^{ms} Gentilles de G. Violard, Corsich de
 M^{me} Hippolyte, fournisseur de S. M. l'Impératrice, Moutier de Chaprou,
 Excentrics, Gants à Parfums de Vaguer, Saboullée

LONDON at the Soutter Office, 45, Greek Street, SOHO, NEW-YORK, E. R. Strong, 57.

Mit Vorbehalt gegen Nachdruck.
 Entered at Stationers' Hall.

CHRONICA DOS SALÕES.

Parabens, leitoras, muito estimo que tenhais festas felizes! Eu fallo em geral, e comprehendo nesta minha expressão curta e laconica tudo quanto pôde ou poudere concorrer para que os dias vos corresseis amenos e suaves o mais possível: não desço a particularidades porque alguma de vós talvez por ser em extremo sensivel, podia córar, dar o cavaco commigo, e isso é justamente o que eu não quero nem por sonhos. Se o redactor desta chronica fosse de uma lãa estranha á nossa, quero dizer, se ella fosse escripta por algum discipulo de Esculapio ou de Marte, como elles são por natureza pirraçentos como o diabo, era bem provavel que vos fizesse zangar estampando em letra redonda certos arrufos de namoradas, certos eiumésinhos, certas zanguitas que tantos ataques, enxaquecas e faniquitos causão.

Entre paranthesis, minhas amigas, não será verdade que ás vezes está a gente muito bem se divertindo entregue tranquilla a um festal prazer, e vai senão quando tudo se perturba por causa de um successo desses que são tão communs entre nós, e que eu qualifico..... quereis saber de que? — De asneira!...

Ora! talvez vos riais e não me acheis toda a razão quanta pretendo ter; bem, mas esperai, que eu vol-o provo com toda a evidencia.

A educação bem dirigida, como sabeis, é um famoso correctivo das indoles e inclinações individuaes, e por conseguinte habilita o homem ou a mulher a viver na sociedade *comme il faut*: é verdade que não é a educação quem cria os genios, porque estes existem na natureza *em bruto*, e para se mostrarem resplandecentes são como o diamante que ha mister ser lapidado; — os mestres pois, são os verdadeiros artistas que adornão, limpão e dão uma fórnã conveniente ao talento caracterizado por um genio que tem depois de figurar mais tarde na vasta scena social. A educação pôde ainda, a tempo e sabiamente empregada, senão edificar uma natureza rebelde, ao menos cortar os vóos perigosos de uma imaginação mal originada, pôde modificar transportes e arrebatamentos que se não achassem pœa alguma, terião a provar amargas consequencias por elles mesmo provocadas: as simples inclinações são mais doces e mais susceptiveis a se subjugarem ao dominio sensato de um guia reflectido e experimentado; e quando nos salões ou em qualquer outro lugar em que nos achamos acompanhadas temos alguma tortura que nos atormenta e contraria, manda a civilidade que roamos em segredo, que devoremos a causa que nos afflige para não molestarmos a outrem, e para evitar cahiamos em o ridiculo que é cousa que muito nos faz desmerecer ante o esto da sociedade, e esta podendo comparar-se

ao palco de um scenario onde nós, que somos os respectivos actores, temos cada um o nosso papel a representar, — é claro que temos tambem certas obrigações a cumprir, das quaes nem sempre é possível desprezar sem gravame da publica opinião; — muitas vezes uma contradição real não deve passar do estreito ambito do peito, e muito menos um desses *arrufosinhos* causados por eiumes ordinariamente infundados! Porém tenho observado que não só entre o bello sexo como mesmo no outro (onde cumprã confessar, é entretanto muito menos commum) isto não é respeitado; apenas a decidade *suspeita*: que o seu *dandy* lhe é infiel, esteja lá onde estiver, diante de quem quer que seja, carrega o sobroffio, torna-se taciturna, responde apenas por monosyllabos ás perguntas que lhe são dirigidas, e quando isto não basta ali vem para desconcertar o pobre amante uma serie de ataques e faniquiticos que põe tudo á assar, e todo este barulho de ordinario parte de um simples acto de civilidade para com alguma dama que se acha na companhia, porque as taes senhoras namoradas entendem que o objecto de seus pensamentos deve andar sempre agarrado ao cós dos seus vestidos como ostras á rocha, sujeito a seus caprichos pueris, e passar por incivil porque incorre em gravissima culpa quando preenche qualquer compromisso de cavalheiro! Que egoismo! Por ventura o verdadeiro amor condemna os entes a viver como anachoretas, afastados do resto da humanidade? E' boa! Minhas amigas, os nossos caprichos, as nossas exquisites não devem ser manifestadas em publico porque ninguem está para aturar tolices e destampatorios, desabala-se a sós no silencio de um gabinete, ou com algum amigo ou amiga particular, mas nunca se desnhaça um prazer nem se dá espectaculo indecoroso em publico; eis ali quando tem grande influencia o recurso da educação convenientemente dirigida.

Eu que fallei nisto é porque já observei um desses *pagodes de namoradas* na noite da missa do gallo. Com effeito alegrei-me bastante por ver que longe de se extinguirem com o espirito do *modernismo* da época, os nossos antigos costumes tradicionaes, elles parecerem renascer. Havia já bastante tempo que eu não via tanto enthusiasmo e alegria por estas festas; mas desta vez tomei o meu fartião, porque sendo convidada para ir á missa do gallo á Gloria, encontrei ranchos e mais ranchos, nus cautando, outros conversando alegremente, entre os quaes me intrometti tambem com o rancho a que pertencia, e onde todos fizemos muita camaradagem e communhão. Acabada a missa, voltamos para casa que era na Praia do Flamengo, e então ali nos divertimos até o grande dia do Natalicio do Senhor, amanhocemos á mesa no meio de innocentes folguedos depois de termos saboreado o excellent e bem preparado sarrabulho, que se á alguém fez in-

digestão, não foi por certo a esta sua criada e amiga. No dia seguinte emendamos o pagode, como dizem os estudantes, dançamos, pregamos cristosas peças, e enfim quando dei accordo de mim, quando abandonei os nossos festins originaes, foi justamente quando o corpo apresentava a sua petição de repouso, e isto já no dominio do dia 26, que realmente senti não ser como era dantes porque a civilização do nosso paiz e a sapiencia do nosso governo

entenderão que devião arranjar uma cousa lá que elles entendem com o dignissimo Sr. Papa mediante alguns *cumquibus*, a fim de nos roubarem os nossos antigos dias santos; mas chiton! podem me vir por ahí com alguma rebordosia, e como o meu lombo não é dos melhores para supportar *tundas*, entendo que devo fazer ponto aqui, e pois adeus.

Alina.

O POBRE MATHEUS.

(Continuado do n. 51.)

XV.

Como Alfredo bem o previra, Mll.^o Villeneuve mostrou a sua carta a Matheus.

Este lêu-a um milhão de vezes, cahiu em um estado de preoccupação singular e ficou pensativo um dia inteiro.

Marie não sabendo qual a causa daquella mudança, não ousava todavia indagal-a, porém tranquillizava-se a seu respeito, certa de que não tinha dado motivos: era bem natural que Matheus tivesse as suas razões especiaes e secretas. Como quer que seja, o certo é que Matheus não foi interrogado por ninguém guardou pois a idéa que o importunava.

Esta idéa era:

— Por acaso o Sr. de Chaleilles amará a Mll.^o Villeneuve! Apenas formulou-se a si mesmo esta proposição, considerou-se na obrigação de a resolver por todos os meios ao seu alcance, menos pela astucia e pela surpresa porque rephnava ao seu caracter. O Sr. de Chaleilles estava para chegar, então interrogaria-o com franqueza e indagaria pessoalmente o estado de seu coração, este era o procedimento que conyinha ao seu natural.

Tres dias depois o Sr. de Chaleilles estava em Paris: A sua primeira visita foi ao artista; mas em uma primeira visita depois de longa ausencia devia fallar-se em cousa alguma além da amizade?

Houve muito transporte de afeição; achando-se os dous amigos completamente felizes, parecia menos prudente perturbarem-se com perguntas indiscretas ou confidencias dolorosas. Quanto ao mais o Sr. de Chaleilles parecia alegre, e embora sua physionomia apresentasse abatemento, o clima dos paizes quentes dava-lhe certo ar de saúde e de força que satisfiz a Matheus em todo o sentido.

Fôrao juntos á casa dos Villeneuve: encontrão a mãe e a filha a sós. Marie presenhiu o passo do Sr. de Chaleilles e estremecou, porém teve tempo de se tranquillisar.

Alfredo entrou; ella levantou-se apoiando-se no braço da poltrona e saudou-o com constrangimento cheio de graça, abaixando os olhos, e estendeu rindo-se a mão a Matheus. Este acci-

toou-a mas não ousou chegar-a aos labios como era de costume desde cerca de um mez, mas é porque elle julgou que se o Sr. de Chaleilles amasse a Marie ser-lhe-hia doloroso presenciar aquella galanteria, e elle por nada neste mundo concorreria para desgostar o seu amigo. A conversação foi constrangida e forçada para ambos.

A Sra. de Villeneuve que como os mais tambem participava do embaraço; tendo mais pratica e experiencia da vida, recorreu a um meio distractivo perguntando a Alfredo varios pormenores sobre a sua viagem; porém elle nada tinha visto, nada observado.

Convidarão o Sr. de Chaleilles para jantar e igualmente a Matheus que se procurava ausentar se por ventura o pudesse porque percebeu que os dous jovens tinham alguma cousa a se dizerem. Com effeito Alfredo aproximou-se á moça com quem poudé conversar em quanto a Sra. Villeneuve com ou sem premeditação ia e vinha occupada nos affazeres domesticos.

— Ides ser venturosos, disse Alfredo á moça; Matheus é um coração nobre.

— Sim, respondeu; bem-nobre, e bondadoso sobretudo. Mas vós; proseguiu ella tremula, porque não seguís o exemplo de vossa irmã (e carregou nesta palavra), porque não tomais o exemplo que ella vos dá?

— Minha irmã!.... Sim, na verdade talvez eu devesse.... Tendes razão, pensarei nisso com mais vagar.

— Nada de demoras; é preciso já que penseis nisso.

— Mas en a ninguém conheço.

— Já procurastes? Na vossa posição, conhecido como sois, com facilidade podeis encontrar alguma rica herdeira, bella e digna de vós.

— Que me importa que ella seja rica e bella com tanto que a ame! Mas é inutil procurar porque estou certo de não encontrar.

— Como o sabeis?

— Effectivamente nada sei, entretanto estou convencido que é certo o que vos digo. Além de que não me acho disposto para contrahir um matrimonio: ha algum tempo a esta parte o meu genio tornou-se detestavel; o que eu necessito são distracções, cumpre-me procural-as.

— Uma mulher boa e amavel que amenisasse os vossos momentos de azedume, seria para vós a melhor distracção.

— Sim, mas se ella fosse o contrario do que figurais, se em vez de me ser grata a sua presença, se me tornasse insupportavel, odiosa?

— Que dizeis? Esses sentimentos nunca foram os vossos!

— E eu vos digo que isto havia de acontecer infallivelmente se eu tivesse a desgraça de desposar uma mulher a quem eu não amasse, e isto é justamente o que quero evitar conservando-me solteiro o tempo que fôr possível.

— Vós! outr'óra tão bom, como estais mudado!

— Sim, confesso que estou mudado.... Pois todos não são susceptiveis de mudança, disse Alfredo com sentimento.

A moça entendeu o epigramma e estremeceu toda.

O Sr. de Chaleilles percebendo, julgou na sua natural bondade que a tinha escaudalisado. E pois continuou com brandura:

— A's vezes ha razões poderosas que motivão uma transição, e por isso nem todas as metamorphoses são dignas de censura.

So as precedentes palavras do Sr. de Chaleilles tinham magoado a moça como uma injustiça, estas a ferirão dolorosamente.

Ocultou o rosto nas mãos e perguntou-se a si se o seu coração já pertencera a outrem, extranhando que o Sr. de Chaleilles lhe fizesse aquella tal ou qual censura. Porque razão se elle julgava que era amado se tinha retirado? A pobre moça não entendia semelhante problema, nem tão pouco o mesmo Alfredo.

Em quanto ella fazia estas reflexões o mancebo a olhava com emoção; atravez do véo de suas mãos, elle via o rosto da rapariga onde procurava ler o que se passava em seu coração. E' verdade que ella ia se casar; mas tinha elle certeza que Matheus fosse amado? Este pensamento atravessou como um relampago o espirito de Alfredo e prometia ir adiante, porém elle comprehendeu que se prolongasse aquella entrevista, podia haver perigo para elle e para a moça.

O Sr. de Chaleilles fez um esforço sobrehumano para triumphar da emoção que quasi o aniquilava. Tentou appellar para a sua antiga jovialidade chamando em seu auxilio a sua alegria de outr'óra:

— Minha querida Marie, disse pegando familiarmente na mão da moça; magoei-vos? Perdoei-me, pois que o mereço. Acabo de estar seis mezes longe da civilisação, no meio do deserto entre os Arabes; aduerei por consequencia algum tanto dos seus hábitos brutacos.

— Acredita! que não vos estou fazendo censura alguma, procedestes mui bem; eu é que sou um louco depois de ter sido um imbecil.

Mil.^o Villeneuve comprehendeu a expressão embora dissimulada que encerravam as palavras do Sr. de Chaleilles, e seu olhar fitou-se no moço com indistincta expressão de melancolia.

— Então porque partistes?
— Triste pergunta a que não posso responder.
— O que se fez feito está; não se deve voltar.

atraz, murmurou tristemente a moça. Hei de cumprir a minha palavra.

— Marie, quereis que eu torne a partir amanhã?

— Amanhã, não; não façais crer a Matheus que fugis de mim tanto mais que exigimos a vossa presença.

— Sabeis a que supplicio me condemnais?

— Sereis vós a unica victima?

— Ah! porque escravidanistes a vossa creença?

— Quem vos forçou a esta immolação?

— Alfredo, sois vós quem m'o perguntais?

— Mas vós o amais, não?

— Sim.... eu o amo disse a moça com tristeza e pondo a mão sobre o coração; desejo sempre amal-o.

O Sr. de Chaleilles partiu a bengala que tinha na mão.

— Que fazeis? Um movimento de cólera! exclamou a moça.

— Não, mademoiselle, respondeu friamente o mancebo, isto não passa de uma travessura.

Marie fitou-o com um olhar triste e desolado.
— Não sereis mais o amigo dedicado, e excelente companheiro de outr'óra? disse com accento doloroso.

— Já não o sou, exclamou. Hoje soffro, e o soffrimento fez-me cruel, máu.

— Alfredo, se é verdade que hoje soffreis, comprehendereis o quanto tambem teubo soffrido; e sirva-vos a minha resignação de exemplo.

— E' facil fallar em resignação a quem nunca amou.

Um raio de alegria se expandiu no rosto da moça; mas foi apenas um vislumbre porque a sua physionomia tomou immediatamente a expressão melancolica.

— Sois injusto; eu não estou habituada a fingimentos e tenho horror a mentira; podeis accusar-me de tudo, Alfredo, menos de mentirosa e fugida. Sim, eu vos amei muito tempo sem o saber e muito tempo tambem sabendo. Lutei não para vos arrancar de meu peitô porque isto seria um crime, mas porque queria que estivesseis certo do terreno que inyadéis.

Lutei em vão, e finalmente prostrei-me a vossos pés pedindo-vos perdão e implorando vosso auxilio contra mim propria.... Vossa ausencia trouxe-me algum alívio; Matheus tornou-se vosso amigo e eu aprendi a melhor conhecer-o. Meu dever estava determinado; a pobre rapariga não podia pertencer ao homem da sua escolha porque este homem era muito rico e pertencia a alta sociedade.

— Porque considerasteis isso como um obstaculo?

— Acreditei que sim e vos tambem partilhastes o meu modo de pensar neste ponto. A' força de estudar um papel, o actor acaba por se identificar com a sua personagem. A costumei-me a amar ao Sr. Matheus; ninguém me pareceu mais digno que elle, e capacitei-me que era chegado o momento em que eu o tomaria por marido sem a menor reguanguancia. Agora, dizei: o que quereis que eu faça?

— Descobri o vosso e o meu coração, respondeu gravemente de Chaleilles. Amava-vos

— Esperava. Esquecei esta conversação que pôde despertar reminiscencias tristes : preciso vou procurar esquecer-me do que se revelou esta supremã entrevista.

— Minha presença não deve ser um motivo de perturbação para o vosso coração, nem para vossa familia. D'ora avante não me vereis não com Matheus, o meu amigo, o homem cuja felicidade deveis fazer, porque ninguém mais do que elle é digno de ser feliz. Depois do vosso casamento tomarei o meu bastão de peregrino, e só voltarei quando me chamardes.

— Não, Alfredo, poder-me-hia enganar ; se eu vos chamar, não venhais.

— Meu Deus ! exclamou o moço arrebatado ; então sempre me amais ?

— Que importa ! murmurou a moça ; tanto eu como vós devemos-nos esquecer disso.

A conversação parou neste ponto porque o jantar foi servido, e á noite houverão visitas entre as quaes viuha Matheus que em silencio observava o constrangimento da moça e á reserva do seu amigo.

— Cumpre que eu saiba o que se passa no fundo destes dous corações.

A difficuldade estava em encetar a questão. Indo direito ao Sr. de Chaleilles podia offendel-o, e nada era tão contrario ás suas intenções como isso ; se esperasso pelo acaso podia ficar esperando talvez por todo o sempre. Conhecendo a lealdade e sinceridade do seu amigo, estava certo que elle guardaria esse segredo inviolavel no mais recôndito do peito. Entretanto quando sahirão da casa dos Villeneuve, no momento de se separarem, tomou o braço de Alfredo e levando-o de passeio até á rua de Vaugirard :

— Estais resolvido a continuar as vossas viagens ?

— Mais que nunca.

— E levareis em vossa companhia a Valdroche ?

— Não sei, mas é natural ; é um bello companheiro ; ha de distrahir-me.

— Valdroche não é mais o companheiro folgazão ; anda triste e pensativo..... como vós.

— Pois eu ando tão triste assim ? disse Alfredo procurando rir-se.

— Andais mais profundamente apprehensivo que elle ; entretanto o outro quasi que se suicida.

— Por acaso suppondes que tenho semelhantes intenções ?

— Não ; jámais tal idéa vos poderia dominar, a um homem como vós ; tendes bastante coragem para affrontar todos os revezes da vida.

— Agradeço-vos o bom conceito em que me tendes ; mas descançai ; a vida por ora ainda não me parece ser lá tão pesada como isso.

— Talvez que não hoje, meu amigo, mas amanhã, daqui a quinze dias.

Assim falando, Matheus tinha parado com o Sr. de Chaleilles junto a um lampião de gaz, apertando-lhe as mãos com emoção.

— Ora ! disse Alfredo procurando desviar-se de alguma cousa que esperava da parte do

seu amigo ; daqui a quinze dias sereis feliz, e eu igualmente.

— Vós ! disse Matheus.

— Sem duvida. Porque não ? Não sois meu amigo ?

— Sim, respondeu o artista ; sou vosso amigo e vós sois o mais generoso dos homens.

— Não ; asseguro-vos que não sou generoso, pelo contrario sou egoista ; gosto de fruir a felicidade de outrem. Acreditais que não é uma ventura poder-se dizer « o meu amigo é feliz ? »

— Sim, diz-se isso, mas tem-se ás vezes o espirito como victima dos maiores supplicios.

— Matheus, não sei o que tendes esta noite ; todos os vossos pensamentos são tristes.

— Sim, são tristes, prorompeu elle em uma explosão e regeitando toda a diplomacia inutil ; sim, são tristes porque vejo o homem que eu amo victima da mais amarga dor. Não procureis negal-o, tendes a vossa alma repassada de angustia, soffreis um mal terrivel, eu o conheço ; amais e por amizade soffocais o vosso amor, immolais vosso coração e condemnais-vos ao infortunio. Pensais que consentirei ? Não, porque seria indigno da vossa amizade, da vossa estima.

O Sr. de Chaleilles quiz fallar.

— Não ; eu não vos ouço, proseguiu o artista com fogo ; já sei o que me quereis dizer ; não quero ouvir-vos. Adeus, adeus ; abraçemo-nos ; esquecei-me e supponde que deixei já de viver.

Matheus tinha-se lançado ao pescoço de Alfredo, e apertava-o quasi a suffoca-lo. Em vão este procurou detel-o, o artista escapou-lhe das mãos e desapareceu.

Seguil-o, combater a sua resolução foi o primeiro pensamento do Sr. de Chaleilles ; para esse fim foi direito á casa do artista, porémahi chegando soube que nessa tarde uma penhora ordenada pelo seu locatario lhe levára todos os seus moveis e pertences.

Na officina da rua Vaugirard obteve a mesma resposta.

O Sr. de Chaleilles recolheu-se para casa abalido e inquieto.

Accusava-se de uma desgraça pela qual elle já esperava e em que entretanto não podia crer.

Toda a noite passou em mortaes angustias ; apenas amanheceu o dia correu á casa dos Villeneuve, onde Matheus sem duvida antes de partir teria deixado alguns indícios de sua passagem.

Encountrou toda a familia em choro porque acalava de receber a carta seguinte de Matheus dirigida á Sra. Villeneuve :

Senhora.

« Assás me lisongeva no momento de receber a esperança de ser um dia esposo de vossa filha ; para o que dei-me pressa em solicitar a sua mão que o céo reserva para alguem mais digno que eu. Desejo, em recompensa a todas as bondades que me prodigastis, dar uma prova do meu reconhecimento des.

coabrindo-vos um segredo de que não tendes plena sciencia: Mlle. Marie ama ao Sr. de Chaleilles, como vós não o ignorais: mas o que não sabeis é que o Sr. de Chaleilles ama tambem a Marie.

« Quando Alfredo partiu para o Egypto foi julgando que cumpria um dever fazendo aquelle sacrificio. Quanto tempo lhe seria preciso para esquecer o mal, cujo germem levára consigo?

« Ignoro, mas sei que quando lhe escrevi pedindo que voltasse, é porque já tinha um vago pressentimento da verdade.

« Lendo a sua resposta, os meus pressentimentos se converterão em receios; no dia em que elle chegou esses receios passarão a ser uma certeza, em vista da qual a minha conducta futura pareceu claramente delineada. O procedimento mais razoavel e curial me dizia que partisse, que abandonasse o campo ao Sr. de Chaleilles; estou pois muito decidido, e parto já.

« Sou venturoso porque não fui indifferente á felicidade de duas pessoas que eu mais amo neste mundo, colhi uma compensação suave para as minhas penas qual a que me dá o coração de um homem que se esforça de praticar uma boa acção.

« Relaxa que me encha de orgulho; porém neste sacrificio, o maior por certo que me é imposto pela consciencia; sinto uma satisfação tão subida que me anima e enthusiasma. Até hoje eu ignorava que houvesse tanta magia em fazer immolações pela amizade.

« Oxalá que esta idéa console a Alfredo da dor que ha de experimentar sabendo que faço por elle o que já elle fez por mim. Elle deu o exemplo, approve-me imital-o..... quem m'o veda? quererá elle fazer monopolio da generosidade?

« Minha resolução está calma e irrevogavelmente tomada; é inutil qualquer tentativa nesse sentido.

« E vós, Mademoiselle, permittir-me-heis que me incline ainda uma vez diante de vós? Dignastes-vos descer sobre mim o vosso olhar, animastes-me quando eu estava prestes a succumbir, sorristes-me quando eu chorava; a vós é que eu devo o que sou hoje, á vós é que devo a gloria que tenho adquirido. Devendo-vos tudo, seria bem ingrato se vos não agradecesse de joelhos, se, podendo facultar-vos a ventura que em um momento vi transuzir a meus olhos, eu permanecesse indifferente. Perdoar-me-heis se hesitei por muito tempo, quando Alfredo vos disser quanto lhe sois cara, e quando conhecerdes a intensidade do seu amor; comprehendereis então o motivo forte pelo qual eu era obrigado a vos amar. Não vos affijais acerca da minha sorte; os tres mezes ditosos de esperanças mitigarão as minhas penas passadas, e modificarão as minhas tristezas futuras.

« Ter contado por assim dizer durante tres mezes as pulsações de vosso coração, identificado o meu olhar com o vosso, sentido tremer minha mão em contacto com a vossa, saboreado perto de vós todas as delicias que

experimenta pela primeira vez uma alma que sente que ama, constituem por certo dons que bastão para suffocar todas as lagrimas e cicatrizar todas as chagas, são reminiscencias duradouras e gratas.

« Permitti-me finalmente me capacite que ao retirar-me, não fique de todo esquecido, que conserveis em vosso peito uma lembrança do pobre Matheus.

« De Roma, onde pretendo estar em breve, quero escrever-vos, a vós senhora, para noticiar os meus trabalhos a que vos dignais dar apreço ha tanto tempo; á vós Alfredo, para vos pedir me constituais o confidente da vossa ventura; á vós enfim, mademoiselle, porque desejo ser um dos primeiros a vos saudar pelo vosso nome novo.

« Com o vosso proprio punho escrevereis duas linhas na mesma carta do Sr. de Chaleilles, e isto será sufficiente para tornar do pobre Matheus o mais feliz dos homens.

J. B. Matheus.

Esta carta visivelmente escripta com intenção de dissimular a desesperação de seu autor, impressionou vivamente toda a familia quando a dona da casa depois de a ter lido, fez uma nova leitura em voz alta frequentes vezes interrompida por suspiros e soluções. Marie assentada a um canto occultava o rosto nas mãos, e inquiria de si a razão porque não tinha antes amado ao homem que tanto a amava, e a razão porque parecia que ella era destinada a fazer a desgraça de um ser a quem era tão clara; reflexões estas que a levarão a concluir que necessariamente devia bayer uma outra vida em que se reparasse os erros que nesta se commettem. Quanto ao Sr. Villeneuve, sentado, com as mãos sobre os joelhos, o pescoço estendido para diante e os olhos humedecidos, ouvia com tristeza, escuchando da fazer rolar entre os dedos a sua caixa de tabaco.

Quando Alfredo entrou a carta tinha já produzido o seu primeiro effeito; porém os olhos avermelhados pelas lagrimas, as attitudes desoladas e a mudez, revelavão que alguma cousa se tinha passado.

— Então, disse entrando com ar sobresaltado; sabeis o que é feito de Matheus?

Por unica resposta a Sra. Villeneuve mostrou-lhe a carta. Elle correu-a rapidamente com os olhos, e sem nada dizer, tomou o chapéo e precipitou-se para a porta.

— Onde ides? perguntou um homem trahando luto que subito appareceu no limiar.

Era o Sr. X..., o projector de Matheus.

— Que vos importa? exclamou Alfredo com vivacidade.

— Importa-me muito.

E voltando-se para a Sra. Villeneuve:

— Eu tinha prometido não voltar senão a a vinte e cinco de abril; desculpai-se cheguei antes; a razão está na marcha dos successos que não supuz fosse tão accelerada.

— E Matheus, onde está elle? Vistelo?

Sabeis o que é feito delle? interrompeu Al-

— Não sei; sei o que é feito delle, respondeu

— Não quero, não quero...

— Que pretendeis fazer?

— Procurais reconduzê-lo...

— E' muito, elle não virá...

— Quem sabe? Supplicar-lhe-hei...

— Eo li'o prohibo. Cada um siga as suas

inclinações; a sua não reside aqui, reside em

Roma, se elle já para lá tivesse ido teria soffrido

menos. Quereis fazel-o renovar as suas tor-

turas?

Alfredo abaixou a cabeça e não respondeu.

O magistrado continuou de novo voltando-se

para a Sra. Villeneuve.

— Eu vos agradeço, senhora, a bondade

que tendes prodigalisado ao meu filho adop-

tivo. Em todo este triste desfecho tendes sido

para elle o mesmo que uma verdadeira mãe,

não se desmentindo nunca a vossa lealdade.

Poderei dizer outro tanto de todos os que en-

trairão no desempenho deste drama?

O presidente ao pronunciar estas palavras,

lançava para a moça um olhar severo. Esta

estremeceu e tornou-se pallida. Porém como

fulga consciencia de ter feito tudo quanto es-

tava em suas forças, levantou a cabeça com

alívio e respondeu em tom simples porém

firme:

— Se Mathews aqui estivesse, havia de me

defender.

O magistrado chegou-se a ella e tomando-lhe

a mão:

— Mademoiselle, não tendes necessidade de

quem vos defenda, porque estais perdoada;

O moço ajoelhou-se ante Mlle. Villeneuve.

— Marie! disse.

A moça lançou-se em seus braços, disse-lhe

em voz baixa:

— Eu vos amo.

— Pobre Mathews! disse quasi comizo o Sr.

de Chaleilles.

— Alfredo, continuou a moça, não o lasti-

mos; elle valia mais do que nós.

A. DE BERNARD.

(Revue Contemporaine.)

Maximas e Pensamentos.

Não faças tudo o que podes, nem gastes

tudo o que tens: não acredites tudo o que

ouvires, nem digas tudo o que souberes.

E' senhor do mundo, o que despreza o mundo,

e seu escravo o que aprecia.

Honra e prosperidade não cabem em um sacco.

O conselho de uma mulher vale pouco, mas

quem o despreza é louco.

ANNUNCIO.

HYMNO

Expressamente composto e dedicado

a S. M. F. O Senhor D. PEDRO V.,

por occasião de sua gloriosa elevação

ao Throno de Portugal e Algarves,

pelo professor Joseph Fachinetti, para

piano e canto e o qual merece ser

apreciado por todos os fiéis e leaes

Portuguezes.

Sahiú á luz e vende-se na loja de

musica dos Srs. Bento Fernandes das

Mercês, praça da Constituição N. 19,

Teixeira & C.^a, rua do Ouvidor n. 91,

esquina da rua dos Ourives, e nesta

typographia.

Preço 1\$000 rs.

As charadas do n. 51 são, 1.^a Arcano: 2.^a

Peliz,

Acompanha este n.º 52 uma estampa com figurinos de casa e passeio.